

O EXÍLIO VOLUNTÁRIO DE CLARICE LISPECTOR

Mona Lisa Bezerra Teixeira
Mestranda em Literatura Brasileira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Norbert Elias em *A sociedade dos indivíduos* afirma existir uma ligação explícita entre indivíduo e sociedade nas nossas estruturas de pensamento e nas contradições entre as exigências sociais e necessidades individuais que são um traço permanente em nossas vidas. A ordem invisível da forma de vida à qual estamos condicionados, muitas vezes não pode ser diretamente percebida e ao indivíduo resta uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis.

"Por nascimento , o indivíduo está inserido num complexo funcional de estruturas bem definidas, deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e talvez, desenvolver-se com base nele"(1994: 21). Sendo assim, a idéia central de *A sociedade dos indivíduos* consiste na impossibilidade do ser humano em se afirmar como um "eu" destituído de um "nós". Para Norbert Elias existe uma ligação mais profunda no meio social que seja capaz de dar conta da complexidade humana e das suas peculiaridades que resultam muitas vezes na criação artística, isso com relação às discussões que existem sobre o indivíduo ter se constituído após a formação da sociedade ou se esta surgiu primeiramente.

É possível, desse modo, lembrarmos de Clarice Lispector, que, através de uma espécie de exílio voluntário em meio às transformações sociais ocorridas no Brasil nas primeiras décadas do século vinte, conseguiu revolucionar a forma estética vigente na prosa brasileira até então. Desde 1943, quando publica *Perto do coração selvagem*, Clarice Lispector carrega um estereótipo de escritora intimista. Além desta conotação reducionista, sua obra para muitos críticos e leitores estaria desvinculada da realidade humana e de compromissos éticos, como a denúncia das

desigualdades sociais, e de estéticos, pelo fato de sua escritura não se encaixar em nenhum modelo vigente à sua época ou às escolas literárias.

Ao contrário do que muitos pensam, a escrita de Clarice Lispector ultrapassa todos os estágios de denúncias sociais, de críticas e reflexões das mazelas humanas. Sem falar diretamente a respeito das disparidades existentes em nosso cotidiano, a autora expõe o que há de pior na humanidade e que condiciona, portanto, os problemas que presenciamos: nós mesmos. O nosso comportamento que sufoca o outro, não permitindo ao homem viver dignamente a sua real condição, que é a de liberdade. Mas a autora não faz isso de maneira doutrinária ou libertina. Sua obra toca à essência humana, o que está mais arredo, revelando um lado oculto que se situa entre a realidade e o sonho: o devaneio.

Na sua escritura acontece uma quebra da automatização da vida e a descoberta de um outro nível de realidade, para a compreensão e desvelamento do sistema ao qual estamos condicionados. Em sua reclusão opcional a autora está bem acordada, penetrando na essência das coisas, dos bichos, das pessoas. Rompe dessa maneira com um imaginário estilizado. E através de seus personagens não se afasta da realidade como fuga, mas sim para enxergar melhor as contradições humanas.

O desequilíbrio e a insegurança diante do mundo e do outro são os alicerces de sua escritura. O cotidiano mecanizado e o mal-estar que existe nas relações humanas, muitas vezes estruturadas em interesses escusos estão bem representadas em *Perto do coração selvagem*. No capítulo intitulado "Otávio", a personagem principal, Joana, reflete "[...] – Só depois de viver mais ou melhor, conseguirei a desvalorização do humano,[...] Humano- eu. Humano- os homens individualmente separados. Esquecê-los, porque com eles minhas relações podem ser sentimentos. Se eu os procuro, exijo ou dou-lhes o equivalente das velhas palavras que sempre ouvimos, "fraternidade", "justiça". Se elas tivessem um valor real, seu valor não estaria em ser

cume, mas base do triângulo. Seriam a condição e não o fato em si. Porém terminam ocupando todo o espaço mental e sentimental exatamente porque são impossíveis de se realizar, são contra a natureza, são fatais, apesar de tudo, no estado de promiscuidade em que se vive".(1998: 93).

O que seria ideal para o homem atingir, o que é tido como meta para a elevação do caráter, é visto por Joana com desprezo, pois esses valores já deveriam ser o ponto de partida dos indivíduos para sua vivência. Joana em *Perto do coração selvagem* vai ao extremo em busca de uma verdade que a liberte das mentiras humanas, percebendo, ao fim, a impossibilidade disso. A evasão de Joana é apenas aparente, pois quanto mais ela se distancia do mundo, mais é possível a reflexão e a descoberta constante de suas características. Isso é assustador para a personagem pois se reflete nos outros homens. É uma viagem que não tem fim, em que a narrativa fica suspensa a uma possibilidade de busca que se encerra e recomeça quando menos esperamos. A errância da personagem, o inacabamento da narrativa reduplicam a existência angustiada da protagonista. É sobre um eixo de liberdade e medo que Joana percorre todo o romance. A consciência de que existe vida além da sua, regrada por princípios estabelecidos por outros, a seduz e a apavora, assim como a qualquer um de nós. Isso aproxima espontaneamente o romance clariciano da nossa vida, desmistificando o rótulo impregnado à obra de Clarice Lispector: o de que seus escritos estão sempre em torno do metafísico, do epifânico, envolto em uma atmosfera de mistério. E que seria necessário "ser" Clarice para entender Clarice. Quando a própria autora repudia essa postura: "e há também os meus imitadores(...) algumas pessoas que tiveram o mal gosto de serem eu".

O avesso da liberdade - A cidade sitiada

Em *Perto do coração selvagem*, desde o princípio da narrativa, na infância de Joana, existe uma procura pela verdade interior, que o homem enquanto sujeito envolvido nas "relações reticulares" procura esconder para se adaptar às situações vigentes. Os homens não são como aparentemente são, daí a angústia sempre presente nas narrativas de Clarice Lispector e que para Benedito Nunes em *O dorso do tigre*, assinala a extrema lucidez a que chega a subjetividade em confronto consigo mesma e com os seres na escrita da autora, jamais apagando o nexo entre consciência e sentido (1969: 94). A procura da verdadeira identidade de Joana é uma postura individual, mas que não deixa de estar inserida na coletividade, pois os seus princípios se afirmam justamente diante dos outros.

Joana sente-se exilada no meio social em que é obrigada a conviver, mas tenta afirmar-se dentro dessas situações de sufocamento. Em outro romance de Clarice Lispector, *A cidade sitiada*, sua protagonista, Lucrécia, procura acomodar-se na segurança de um casamento. As transformações físicas pelas quais passa o subúrbio de São Geraldo no decorrer da narrativa, vão desnudando a verdadeira Lucrécia. Aparentemente ela anseia por liberdade no início do romance, mas depois revela uma incapacidade de afirmar sua própria natureza.

A independência de Joana é verdadeira, pulsional, não possui nenhum suporte material para concretizar-se. Joana não usa e nem analisa as pessoas, como no caso de Lucrécia. Não estabelece relações visando benefícios. Em oposição, Lucrécia Neves não sente a necessidade da descoberta do amor verdadeiro, que vai muito além do amor romântico entre homem e mulher. Os sentimentos parecem estar materializados, desprovidos de qualquer espontaneidade, seja com a mãe, com os namorados ou com o marido. Lucrécia está sitiada para o mundo das descobertas que não sejam materiais. O que predomina em sua realidade é o que pode ser constituído materialmente: a própria São Geraldo, sua casa, seus objetos pessoais.

O deslocamento de Joana do mundo é involuntário, muitas vezes beirando ao devaneio, mas não é descomprometido com a realidade. Na verdade é fruto das suas experiências como sujeito no meio social e das imposições oriundas dele. O afastamento de Lucrécia é proposital, para evitar o sofrimento a que estamos expostos nas várias esferas de relacionamentos. A individualidade de Lucrécia e Joana diverge no condicionamento social. Enquanto Joana pode afirmar a existência de um "eu", porque sabe da presença de um "nós", Lucrécia apenas se acomoda, mesmo sabendo que "o difícil é que a aparência era a realidade".

Joana afasta-se do seu meio social por não ceder às pressões do ambiente que não lhe completa enquanto indivíduo. Sua postura de isolamento se dá por não haver uma ligação verdadeira entre os seus princípios e a realidade que a envolve. Lucrécia demonstra um isolamento mais racional, por não suportar a idéia do sofrimento. Dessa maneira se fecha em um mundo de eventos sociais, de festas com convites comprados, repletas de tecidos finos e caros, que não podem ser esgarçados para expor a verdadeira realidade em que a personagem se encontra.

Para Norbert Elias a maleabilidade da psique humana, sua dependência natural de moldagem social, explica por que não é possível isolar o indivíduo para entender a estrutura dos relacionamentos mútuos, a estrutura da sociedade. Ao contrário, a partir das relações entre os indivíduos, é que se favorece o entendimento da pessoa singular. Talvez seja essa a questão para a compreensão da obra de Clarice Lispector. Muito se fala em seu isolamento, e em uma possível escritura alicerçada por uma fuga da realidade. Mas é inegável afirmar que a natureza humana é o principal destaque em suas obras, e esse aspecto não pode estar desvinculado da sociedade, de suas transformações histórico-sociais presenciadas e vividas pela autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*, São Paulo: Perspectiva, 1969.